

UMA ENTREVISTA COM MIA COUTO: RELIGANDO NARRATIVAS DE CONHECIMENTO

AN INTERVIEW WITH MIA COUTO: RECONNECTING KNOWLEDGE NARRATIVES

Denise Figueira de Oliveira¹ - denfioli@gmail.com

Beatriz Brandão² - brandao.beatrizm@gmail.com

Maylta Brandão dos Anjos¹ - maylta@yahoo.com.br

1 – Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências - Instituto Federal do Rio de Janeiro

2 - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – Universidade Federal do Rio de Janeiro

INTRODUÇÃO

O modo de ser no mundo de hoje, diverso, complexo, ligado - ou mesmo preso - à hipermodernidade descrita por Lipovetsky (2011), ao reino virtual, a uma condição efêmera que dispersou a atenção ao outro, amputou sentidos, valores e esperanças nas mais variadas dimensões, enfim, parece ter sequestrado algo da humanidade que é preciso recuperar, reformar, repensar. Será essa reinvenção uma utopia? Qual será o caminho? De quantas astúcias precisamos? Com quem faremos o percurso?

Essas questões capitais encontram lugar no pensamento de Mia Couto, nosso entrevistado. Mia Couto é um escritor, poeta, biólogo e jornalista moçambicano. Esse entrelaçar de áreas múltiplas de formação profissional e de pensamento registrada em seu currículo traduzem um pensador de fronteiras menos rígidas, mais permeáveis ao devir e do aprender de novas coisas. Essa comunicabilidade interdisciplinar lhe parece ser própria, tal como automear-se Mia, quem nasceu Antônio Emilio Leite Couto. Antônio é Mia porque, segundo lhe contaram seus pais, ele se via como um dos gatos que visitavam a varanda da casa da família quando ainda tinha dois anos de idade. Era ali, sem fronteiras, que Mia muitas vezes comeu e dormiu com os gatos, com uma empatia quase natural a ponto de ter sido levado à sério, ao criar um novo nome, mais compatível com sua natureza.

Esse limiar do encontro entre sua casa e a rua, entre sair de si e encontrar o outro, a observação do cotidiano o tornando extraordinário, está em suas obras, e é como vivência sua identidade, visitando muitos mundos encontrando com os outros. Tendo sido criado em um universo cultural que estimulou o seu imaginário, a sua expressão, o seu caminho para a escrita parece ter sido fluxo natural também de uma sociedade onde a cultura oral sempre predominou. Beira, seu berço, cidade moçambicana recentemente abalada pela realidade dramática de ciclones, foi onde o contador de histórias nutriu seu imaginário e de onde partiu aos 16 anos para viver na capital, Maputo. Foi na cidade da Beira onde Mia compôs seus tempos fora do Tempo, lugar onde provavelmente a sua escrita continuará sendo voz.

Será preciso “voltar a sonhar” porque as cidades afetadas sofrem com a destruição física daqueles espaços, será preciso voltar a sonhar Moçambique para “costurar identidades”, termo sempre mencionado por Mia. Conhecendo os voos de sua escrita, mais uma vez ele irá desadormecer para inspirar em suas histórias, novas utopias, sonhos de que tais cidades sejam outras, reerguidas. Mia nos revela a ideia de que as histórias que não salvam o mundo, mas podem incutir o desejo da utopia e um mundo em mudança.

Com muitos livros publicados e muitos prêmios, Mia Couto é conhecido ao longo da carreira interdisciplinar, sendo um deles o prêmio Camões (2013), um dos mais importantes

prêmios literários reconhecidos internacionalmente. É conhecido por seus contos, suas crônicas poesias e romances, com destaque para o seu lugar singular na Academia Brasileira de Letras, como sócio correspondente, o que, além da simpatia de Mia para conosco, aproxima ainda mais Brasil-Moçambique.

Em uma das inúmeras vezes que veio ao Brasil, Mia disse em uma outra entrevista (Café Filosófico com Fernanda Mena): “...*Eu olho para a Biologia como uma forma de entender o mundo da mesma maneira que olho para a poesia como uma forma de entender o mundo. Elas se cruzam ali em uma fronteira muito particular...*”.

Nesse sentido, imersas no universo do ensino, nos alinhamos com olhar de Mia, as falas de sua imaginação nutrem também nossa utopia de um novo pensamento de mais diálogo entre os saberes. Encontramos também acolhida na contribuição de Edgar Morin (2010), outro autor afim, quando defende uma reforma do pensamento diante de um mundo complexo e global, com problemas polidisciplinares e multidimensionais na mesma medida.

Entendemos que religar narrativas de conhecimento exige uma postura diferente dos atores sociais nos ambientes de ensino. A sensibilidade de Mia Couto, estampada nessa entrevista, contribui para o debate candente nas salas de aula no Brasil em que as disciplinas compartimentadas já não encontram êxito para o processo ensino-aprendizagem que necessita cada vez mais de contextualizar para fazer a leitura do mundo em que vivemos.

Eu sempre guardei nas palavras os meus desconcertos. Trazemos as palavras do nosso poeta Manoel de Barros (2015) para aproximar o mundo de inventividade, sensibilidade que Mia também encontra em sua literatura e que entendemos poder renovar o mundo das ideias.

Mia chama atenção para uma habilidade no ensino que o preocupa mais do que o hábito da leitura ter sido diminuído. Para ele, a pior das derrotas seria a falta de utopia, a incapacidade de sonhar, a morte de desejo de conhecer. Esse olhar de Mia Couto que nos provoca e inquieta estão propostas na entrevista. Caminhemos por esse olhar!

1. Qual sua visão sobre os leitores e lugar da imaginação?

Acho que o leitor é um coautor se ele realmente está lendo não com os olhos, mas com a alma, e em que ele permite que o livro tome posse dele. No momento da leitura se cria uma relação entre aquilo que a gente imagina que é o autor, mas esse “outro” não está senão dentro de nós. Não sei se o verbo certo se traduz pelo verbo ler, porque no fundo estamos reescrevendo aquela história, fazendo-a nossa, como se fossemos nós os criadores da história. É importante que as campanhas de promoção da leitura entre os jovens tomem em conta não um apelo normativo, mas reconstruam esse jogo da sedução. Não há outra maneira de ler senão a se deixar se apaixonar.

2. Como a sua carreira interdisciplinar – biólogo, jornalista, escritor – reflete na sua obra?

Ajuda muito, principalmente se eu olho para essa construção multifacetada não como uma garantia, mas como um modo de me encorajar a deixar de saber, a deixar de ser. Sendo um escritor e um cientista, eu aprendi a duvidar da validade das fronteiras que separam ciência e arte. Interessa-me da biologia as histórias que ela conta, a história da vida, as outras linguagens que ele me dá acesso. Sobretudo, as linguagens das criaturas que parecem muito distantes de nós. A ideia que as árvores nos podem dizer coisas não é uma figura poética. A árvore tem uma história, tem códigos de comunicação com sistemas de raízes, com fungos, com as criaturas que dela dependem. Dei aulas na Faculdade de Arquitetura e foi um momento

muito feliz porque, no início, eu não sabia o fazer. Às vezes, é muito bom não saber. Então eu pensei: “o que os arquitetos precisam saber da ecologia?”. Talvez, o mais importante é olharem a Natureza como a primeira das arquitectas, uma criadora que está a fazer design toda hora, que está a esboçando cores e volumes. Por que que uma folha tem esse formato e aquela cor? Qual a relação entre a forma e a estrutura? Foi isso que busquei dizer aos alunos e trazia todos os dias coisas que me faziam parecer um feiticeiro, vinha com flores e sementes para ilustrar essa relação entre a aparência e a intenção. Não quero que vocês saibam matéria, quero apenas que tenham o desejo de conhecer. Que tenham uma sensibilidade. E olhem para uma árvore como algo que pode nos dizer coisas, como um mestre que nos pode falar de uma outra história.

3. A linguagem própria que você imprime em suas obras considera que vai ser o legado em relação a língua? É a memória do que você produz?

Acho que o Moçambique produziu tanto esquecimento, tantas camadas de negação da história que eu entendi que os países, todos eles, percorrem um caminho que é sempre feito de memória e de esquecimento. Há certos momentos em que é mais importante esquecer que lembrar. Esse esquecimento não é feito de ausência. Esquece-se produzindo outras versões do passado. Eu ficaria feliz se as minhas histórias alertassem para a mentira do esquecimento e da lembrança. Dessas reconstituições como produções que tem sempre um lado ficcional.

4. Qual é a revolução pessoal da sua vida profissional?

Eu não sei se tenho uma vida profissional. Não sei, mais uma vez acho que sou feliz porque tenho uma certa liberdade de não chamar de profissão aquilo que eu faço, de não chamar “carreira” ao percurso que construí. Não há carreira para um escritor. Tanto quanto escritor quanto biólogo eu tenho poucas certezas e pouca segurança no que já sei. Mantenho o mesmo receio do principiante, do eterno principiante. Não consigo viver sem esse sentimento de espanto, e de infância, de que estou estreado qualquer coisa. O que faço não é um trabalho, é como se me criasse a mim próprio.

REFERÊNCIAS

BARROS, M. de. **Menino do Mato/Manoel de Barros**.1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.120p.

LIPOVETSKY, G. **A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada/Gilles Lipovetsky e Jean Serroy**, São Paulo, Companhia das Letras, 2011.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**.17ª ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.